



Educação. Revista do Centro de Educação

ISSN: 0101-9031

claubell@terra.com.br

Universidade Federal de Santa Maria

Brasil

Lopes de Matos, Kelma Socorro

Palmeiras, o saber da experiência no movimento popular

Educação. Revista do Centro de Educação, vol. 37, núm. 3, septiembre-diciembre, 2012, pp. 485-494

Universidade Federal de Santa Maria

Santa Maria, RS, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117123649006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Palmeiras, o saber da experiência no movimento popular

Kelma Socorro Lopes de Matos\*

### Resumo

O estudo em questão foi realizado na União das Comunidades da Grande Fortaleza (UCGF); na Federação de Bairros e Favelas (FBFF) entidades gerais da organização popular; com lideranças dos bairros Lagamar, Pirambu e Conjunto Palmeiras; na Secretaria de Trabalho e Ação Social (entrevistas com técnicos e pesquisa documental). Foram consultados ainda os jornais *Diário do Nordeste*, *O Povo*, e *Tribuna do Ceará*, (1960-1993), além de boletins, jornais e cartilhas das entidades gerais e organizações de bairros. Foram registrados eventos e reuniões das entidades gerais do movimento em Fortaleza, priorizando os depoimentos dos moradores/atores sociais. É essencial a “recuperação dessas experiências” para a compreensão dos processos de crescimento, e da própria dinâmica do cotidiano nesses *lôcus*. Nesse estudo o Palmeiras foi indicado, por parte significativa das lideranças do movimento popular, como exemplo a ser seguido pela sua postura, organização e atuação diferenciadas. Essa característica da *força da política da unidade* é expressa também na forma como a Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras (Asmoconp), sempre atuou: com transparência, buscando o diálogo, a democracia e a participação dos moradores, optando pela solidariedade como meta de crescimento.

**Palavras-chave:** movimento popular; Conjunto Palmeiras; saber da experiência.

### Palmeiras, the knowledge of experience in the popular movement

### Abstract

The present study was conducted in the following areas: the Union of Communities of the Great Fortaleza (UCGF), The Federation of Neighborhoods and Slums de Fortaleza (FBFF) – general entities popular organization, with leaders of neighborhoods Lagamar, Pirambu and Conjunto Palmeiras, The Secretariat Work and Social Action (interviews with technical and documentary research) were also consulted newspapers: Daily Northeast, the PEOPLE, and Tribune of Ceará (1960-1993), in addition to newsletters, newspapers and books of general entities and organizations neighborhoods. Events were recorded and general meetings of the bodies moving in Fortaleza, prioritizing the testimonies of the residents / social actors. It is essential to the “recovery of these experiments” to

\* Professora Doutora da Universidade Federal do Ceará (UFC), Departamento de Fundamentos de Educação e dos Programas de Pós-graduação em Educação Brasileira e Desenvolvimento em Meio Ambiente (Prodema) da Universidade Federal do Ceará.

understand the processes of growth, and the dynamics of everyday life this locus. In this study the Palms was nominated for a significant part of the leaders of the popular movement, as an example to be followed by its position, organization and performance differential. This characteristic of the strength of the politics of unity is also expressed in how the Association of Residents of Conjunto Palmeiras – ASMOCONP always acted: with transparency, seeking dialogue, democracy, and participation of residents, opting for solidarity as a growth target.

**Keywords:** popular movement; Conjunto Palmeiras; the knowledge of experience.

Em *Nas trilhas da experiência: a memória, a crise e o saber do movimento popular*<sup>1</sup> (MATOS, 1998) analisei o movimento de bairros em Fortaleza, priorizando os depoimentos dos moradores/atores sociais. Em especial, enfoquei os bairros Pirambu, Lagamar e o Conjunto Palmeiras. Julgo essencial a “recuperação dessas experiências” para a compreensão dos processos de crescimento, e da própria dinâmica do cotidiano nesses *lócus* (PALMEIRA, 1979). No estudo que realizei, o Palmeiras foi indicado, por parte significativa das lideranças do movimento popular, como exemplo a ser seguido pela sua postura, organização e atuação diferenciadas (MATOS, 1998a). Essa característica da *força da política da unidade* é expressa também na forma como a Associação dos Moradores do Conjunto Palmeiras (Asmoconp) sempre atuou: com transparência, buscando o diálogo, a democracia e a participação dos moradores, optando pela solidariedade como meta de crescimento.

O Palmeiras localiza-se a cerca de 22 quilômetros do centro comercial de Fortaleza (SEGUNDO; BODINAUX; P. FILHO, 1989). A população originária começou a chegar ao bairro desde o início da década de 1970, vinda de terrenos localizados na orla marítima da cidade, e de outros bairros, de onde foram retirados em virtude da especulação imobiliária. Os primeiros moradores enfrentaram a falta de água, de energia, e a total ausência de condições de moradia, alojando-se em barracos por eles mesmos improvisados. Posteriormente, após a demarcação dos terrenos, iniciaram a construção de suas habitações.

A Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras – Asmoconp – foi fundada em 1981 como resultado das constantes mobilizações dos moradores por melhores condições de vida. Desde o início, essa entidade foi organizada de forma horizontal, ou seja, sem uma hierarquia de cargos e funções, não tinha presidente e sim um coordenador, um secretário e um tesoureiro. De seis em seis meses os cargos eram alternados com outros participantes do movimento. Essa prática é significativa, na medida em que grande parte das lideranças, em diferentes bairros, confrontava-se para garantir a direção das entidades.

Através do resgate da memória e do processo de construção do Conjunto Palmeiras, assim como da postura de suas lideranças, é possível compreen-

der porque o bairro ainda continua sendo um exemplo de resistência, através da experiência acumulada e refletida. Muitas vezes esse foi um caminho percorrido em relativo silêncio, para depois mostrar-se através de feitos como a Rádio Comunitária Santos Dias, o Banco Palmas,<sup>2</sup> e tantas outras sólidas conquistas coletivas.

É importante lembrar que, nos anos 1970 e 1980, os movimentos de bairros caracterizaram-se pela ofensividade e visibilidade públicas, fortalecidos pelo apoio das assessorias, dos partidos de esquerda e da mídia. Na década de 90, processualmente, configurou-se a tão desejada democracia, em relação aos anos arbitrários da ditadura. A sociedade redefiniu-se. Eram outras as exigências do fazer político. Os partidos retomaram seu espaço e, em vista da reconstrução social, as assessorias do movimento popular, a mídia, algumas lideranças e os teóricos elegeram novos enfoques, novos espaços de organização, novos olhares sobre a realidade que se apresentava.

Nesse período o movimento de bairros viveu em constante tensão entre o resguardar de sua autonomia e a perspectiva de institucionalização. E se por um lado o perigo da institucionalização apresentava-se eminente, por outro a busca de legitimação, com a implementação das políticas públicas, tornou-se instrumento de pressão para o movimento, como resposta às suas reivindicações (JACOBI, 1990).

Na verdade, a participação não aconteceu da forma esperada, porque não foram definidos critérios pelo movimento de como seria essa participação, e até porque passaram de uma relação reivindicativa e acirrada para um convívio no qual deveria acontecer a negociação e a parceria. A questão da mudança nas relações entre governo e o movimento popular provocou certa desarticulação na organização dos bairros. Se antes estavam claros os papéis tanto do governo quanto das lideranças, com a democratização houve uma interpenetração de discursos, posturas.

As práticas do movimento popular tomaram uma forma mais comportada. O espaço da rua, inaugurado como novo local de fazer política, foi substituído por instâncias decisórias de poder mais tradicionais. Em consequência desse e de outros indicadores de mudança, houve os que apontaram que os sujeitos sociais estavam “domesticados”, devido à institucionalização progressiva das organizações de bairros; outros declararam a morte do movimento popular; outros ainda afirmavam que estava sendo aberta uma trilha **construtiva** (KRISCHKE, 1979) de transcendência, de superação ao que estava posto.

Entre os anseios, as expectativas e a democracia conquistada, um longo caminho havia para ser percorrido. A exclusão social apareceu gigantesca através do desemprego, da violência, da pobreza, da fome, da prostituição infantil, e de tantas outras mazelas. As políticas públicas ofereceram uma resposta tímida, comparadas aos inúmeros casos de indigência social (NASCIMENTO, 1993).

Diante desse quadro, a relação entre movimento popular e poder estatal foi, de fato, tomando formas diferenciadas. De um lado, o movimento era reconhecido, resultado de tantos anos de enfrentamentos, de outro, os líderes pareciam constrangidos ao serem chamados ao *diálogo* e à *participação*. Esse processo refletiu-se, conseqüentemente, no interior das organizações, em especial com o repasse das políticas sociais (MENEZES, 1993), que conferiram outra funcionalidade às associações e às lideranças de bairros.

A falta de expressividade política e social dos movimentos de bairros, em geral, a escassez e pontualidade das manifestações públicas, a progressiva burocratização e institucionalização das organizações, a busca de soluções individuais e o aumento da contravenção certamente favoreceram os movimentos de bairros a passarem de uma relação reivindicativa e acirrada para um convívio no qual deveriam negociar como parceiros. Aparentemente, as lideranças não se sentiam preparadas para essa nova relação. Tiveram de adquirir um aprendizado burocrático, relativo à melhor forma de encaminhar suas reivindicações, antes gritadas ou expressas em abaixo-assinados.

O aprendizado político, das negociações propriamente ditas, e das formas que garantissem que suas demandas fossem atendidas, era algo que estava em construção, pois quando o ritmo do movimento ainda se centrava no combate ao “inimigo”, o cenário modificou-se. Com as novas regras, mesmo quando os apelos à participação eram ouvidos, prevalecia o encaminhamento dado pelas instituições públicas, nem sempre coincidente com as demandas populares. Evidenciou-se, então, o desequilíbrio: eram chamados de parceiros, legalizados, legítimos, mas momentaneamente tornaram-se descrentes, inseguros, tateando estratégias de ação mais eficientes.

Houve a necessidade de reinventar novas maneiras de organização e intervenção social, construindo práticas alternativas de democracia interna. No Conjunto Palmeiras, por exemplo, além da grande entidade do bairro<sup>3</sup> ser organizada de forma horizontal, e da alternância semestral dos cargos – oportunizando a experiência de ser dirigente a outros participantes do movimento – há reuniões constantes, levam as discussões para as ruas, aproximando-se dos moradores, e chegam até a recusar projetos governamentais que poderiam representar perigos à unidade do movimento de bairros.

Assim é possível perceber que o movimento de bairros, no Palmeiras, reiniciou um processo de ensino-aprendizagem ao rejeitar projetos – que antes pareciam irrecusáveis, perante a falta de tudo – estabelecendo normas para que se efetivasse uma “parceria” mais equilibrada, em que as lideranças começaram a definir como seria a sua participação. No “novo padrão de comunicação direta”, entre estado e associação de moradores, as associações passaram a arcar com o ônus da responsabilidade pelas políticas sociais nos seus bairros.

A comunidade, ao gerenciar as parcas políticas públicas, responsabilizou-se por esse gerenciamento, chegando a responder, inclusive, por questões legais quando contratavam funcionários. O estado, por outro lado, minimizou as suas ações, delegando às organizações populares um *pseudopoder* de negociação com a comunidade. Nesse processo, as lideranças assumiram vários encargos burocráticos e passaram a *funcionários do governo do estado, sem remuneração*.

É inegável que na relação entre lideranças e instituições públicas houve um aprendizado mútuo. Os participantes dos movimentos de bairros gestaram um saber de resistência que foi sendo utilizado nas suas práticas cotidianas. As lideranças do Palmeiras, no início dos anos 90, foram constantemente convidadas por outras associações para falarem sobre como estavam se organizando, sobre a sua prática política ante as adversidades, agudizadas nesse período, e enfrentadas por todos. As visitas e discussões realizadas em outros locais representaram também oportunidades para divulgarem a importância dos seus meios de comunicação alternativos, como o Jornal da Associação de Moradores – *Desperta Palmeiras*, o Jornal *Antena*, e a rádio comunitária Santos Dias.

O saber transmitido proporciona um significado especial à prática vivenciada, principalmente porque rompe com as regras do isolamento social, em que cada indivíduo se enclausura nos seus domínios particulares, privados. Esse saber toma uma importância ainda maior quando se dispõe à renovação, ao aperfeiçoamento. A arte de contar a experiência coletiva é um conselho, uma sinalização de que alguns estão acertando ao dirigirem-se por este caminho apontado. Então “o conselho consiste em fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (BENJAMIM, 1994, p. 200). Ora, esse conselho é o próprio saber acumulado na experiência vivida.

A construção desse saber da experiência torna-se ainda mais importante no resgate da autoestima das lideranças de bairros porque, além de vivenciarem a ausência de uma vida digna, como reflexo das injustiças sociais, afirmam que o movimento de bairros é visto como o movimento dos renegados, “um movimento de segunda categoria” com relação ao movimento sindical ou a outros tipos de movimento que tiveram mais condições de “capacitar” suas lideranças. Assim, as distinções são feitas não apenas em relação a quem tem ou não posses. São também avaliados a partir da instrução-capacitação que podem apontar para um deslocamento hierárquico entre os movimentos sociais em geral. Durham (1984) indica que essa noção, de que os movimentos populares são inferiores, descredencia-os, ao julgar que o movimento popular “deverá” evoluir para formas mais “plenas de atuação política”, como, por exemplo, a partidária e a sindical. Segundo a autora, essa ideia é ultrapassada quando se percebe que “os movimentos sociais constituem uma forma específica de mobilização popular com espaço próprio, diverso daquele ocupado por partidos e sindicatos” (DURHAM, 1984, p. 25). Nesse sentido, a capacitação-formação de lideranças<sup>4</sup> do movimento popular deveria sempre reforçar a compreensão

desse tipo de movimento, para que os participantes desenvolvessem e aprimorassem um saber de si mesmos, enquanto coletivo.

Existe um reconhecimento do saber adquirido através da experiência no movimento de bairros e, ao mesmo tempo, a apresentação desse saber como uma compensação, pois muitas lideranças não conseguiram ter acesso à instituições de ensino. A instrução é percebida como um direito, e imediatamente como impossibilidade (MATOS, 1997;1999), provocando um mal-estar contido entre os que não conseguiram alcançar esse “privilegio”. No entanto, os participantes dos movimentos populares adquirem um aprendizado político e social; ampliam seu espaço de sociabilidade; constroem novos saberes com o enfrentamento das adversidades cotidianas; aprendem a falar em público; conhecem melhor o espaço onde moram, a cidade em que vivem. Essa dimensão que se abre, via aprendizado da experiência, mesmo com a “falta de tudo”, produz o saber da resistência e o aprendizado político (MATOS, 1998).

A importância de resgatar o **saber da experiência** advém da necessidade de refletir sobre a relação entre homem e conhecimento. O saber não é objeto exclusivo da produção científica, pelo contrário, o saber independe da ciência e esta é que se encontra incluída no campo do saber (MACHADO, 1988). A experiência cotidiana é, pois, o instrumento mediato entre o ser de relações e a sua compreensão do mundo e de si mesmo, no sentido da proposição de novas questões, da possibilidade de intervir e alterar a dinâmica do social, produzindo uma experiência modificada (THOMPSON, 1981).

Nas relações cotidianas é gestado o *saber coletivo*, que se coloca em função da prática organizativa e política e das prioridades da vida concreta, permitindo ao grupo atuar em situações diversificadas no âmbito econômico, político e cultural. No entanto, o modelo de conhecimento, reconhecido como oficial e dominante, descredencia o aprendizado cotidiano, apontando-o como “ação não refletida”, provocando, assim, uma ruptura descabida entre a ideia e a realidade. Foucault (1993) adverte que há, de fato, um sistema que barra o saber e o discurso popular, justamente porque esse discurso – que é onde se articulam as relações entre **saber-poder** – confere aos “destituídos”, o saber que lhes foi negado socialmente.

A experiência acumulada configura-se nos tempos e dinâmicas dos movimentos de bairros como um saber processual e cumulativo, que se inova, resiste, modifica-se de acordo com as relações internas e externas do grupo gestor de saberes. Destaco um aprendizado essencial dos participantes do movimento: a **fala**, a **palavra dita**. Foucault (1993) acrescenta que é justamente através da linguagem que se configura a relação *saber-poder*, no qual serão detectadas ambiguidades entre estratégias de dominação e resistência. Esse aprendizado, a que se refere Foucault, acontece nas relações entre liderança e instituições estatais. As lideranças aprendem a linguagem dos técnicos, o que lhes confere, principalmente no interior do seu grupo, o respeito de uns e a

### Palmeiras, o saber da experiência no movimento popular

crítica de outros. A oportunidade de aproximação dessas instituições possibilita aos participantes do movimento perceberem o funcionamento, as divergências internas, a força e a fragilidade que perpassam as relações nesses organismos. Há, na relação apontada, aprendizados gerados de distintas formas:

[...] pela experiência de estar em permanente contato com fontes e exercícios de poder; pelo exercício rotineiro que as atividades burocráticas estatais impõem; pela percepção das respostas diferenciadas que os grupos sociais têm, com relação às suas demandas; pelo contato com assessorias; pela desmistificação da autoridade como sinônimo de competência, o qual seria, também sinônimo de conhecimento. (GOHN, 1992, p. 50)

O Conjunto Palmeiras é um exemplo de uma interação que investiu em uma organização democrática mais ampla, e, além disso, nas chamadas “redes de movimento” expressas claramente na concretização de projetos como o Banco Palmas. As características das “redes de movimento” são basicamente: a articulação entre atores e movimentos sociais e culturais; a transnacionalidade; o pluralismo organizacional e a atuação nos campos cultural e político (SHERER-WARREN, 1993). Essas características visam, respectivamente, formas de articulação e intercâmbio (formais e informais), assim como o apoio dado por instituições estrangeiras a lutas nacionais; o respeito destinado a atores que poderão participar de várias organizações simultaneamente, e por fim um trabalho voltado para a valorização da ética, da liberdade e sobrevivência, tendo por objetivo a transformação da opinião pública através das pressões da sociedade política.

De acordo com Costa (1994), os atores sociais apontam para a constituição de práticas ofensivas e defensivas simultaneamente. Assim, o saber, produzido nas lutas, vitórias, derrotas e no cotidiano do movimento popular está vivo, circula entre nós.

É essencial o resgate da trajetória do Conjunto Palmeiras porque, em momentos de maior e menor visibilidade, foi se encontrando nas suas trilhas, construindo um caminho próprio e mantendo-se forte, trazendo novas respostas para velhas questões. Convém, então, ressaltar a importância de resgatar a memória do movimento, em alguns dos seus tempos, no intuito de “conhecer uma situação original que foi seu ponto de partida” (BENJAMIM, 1994, p. 253). E mais, de perceber a construção desse percurso, porque só assim é possível saber o que o presente deve ao passado, ou, por outro lado, de que forma esse passado foi trilhado até a concretização do tempo que ora se apresenta e antes era apenas uma promessa.

Gagnebin (1994) afirma que a preocupação em salvar o passado no presente transforma os dois tempos: o passado salvo poderia ter desaparecido e modifica-se, na medida em que a possibilidade da experiência perdida é supe-



rada pela concretização em realidade através do registro histórico. O presente, porque só é possível enquanto momento posterior ao passado, que o anuncia como promessa do tempo que virá. O Palmeiras semeou e fez esse anúncio de um tempo fértil, mantendo-se ao longo de todos esses anos, desde a sua criação, como exemplo para o movimento popular.

## Referências

BANCO PALMAS, um sistema integrado de crédito, produção, comércio, consumo e felicidades humana. Disponível em: <http://www.bancopalmas.org.br/oktiva.net/1235/nota/12291>. Acesso em: 20 maio 2011.

BENJAMIM, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. (trad. Sérgio Paulo Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras Escolhidas: v. 1).

COSTA, S. Esfera pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil. Uma abordagem tentativa. **Novos Estudos** CEBRAP, São Paulo. n. 38, mar. 1994, p. 38-52.

DURHAM, E. R. Movimentos sociais: a construção da cidadania. **Novos Estudos** CEBRAP, São Paulo, 10 out., 1984.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. (Org. e tradução Roberto Machado). 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1993.

GAGNEBIN, J. M. Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. (trad. Sérgio Paulo Rouanet). Prefácio. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras Escolhidas, v. 1).

GOHN, M. da G. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 1992.

JACOBI, P. Movimentos reivindicatórios urbanos, estado e cultura política: Reflexão em torno da ação coletiva e de seus efeitos político-institucionais no Brasil. In: LARANJEIRA, S. **Classes e movimentos sociais na América Latina**. São Paulo: Editora Hucitec, 1990, p. 220-244.

KRISCHKE, P. J. de S. A. **A igreja e as crises políticas no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1979.

MACHADO, R. **Ciência e saber**: a trajetória da arqueologia de Michel Foucault. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

MATOS, K. S. L. de. **Nas trilhas da experiência**: a memória, a crise e o saber do movimento popular de Fortaleza. Programa de Pós-graduação em Educação – UFC. Fortaleza, 1995.

MATOS, K. S. L. de. **Nas trilhas da experiência**: a memória, a crise e o saber do movimento popular. Fortaleza: UNIFOR, 1998.

MATOS, K. S. L. Procurando o caminho para compreender a escola e seus sujeitos. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, Edições da Universidade Federal do Ceará. 1997. Ano 19 n. 33, p.71-77.

\_\_\_\_\_. De quem é a rua, a casa e a escola? **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, Edições da Universidade Federal do Ceará. Ano 21 v.2. n. 38, 1999, p. 36-46.

MENEZES, M. T. C. G. de. **Em busca da teoria**: políticas de assistência pública. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1993.

NASCIMENTO, E. P. do. A lógica perversa da crise In: NASCIMENTO, E.; BARREIRA, I. (Orgs.). **Brasil urbano**: Cenários da ordem e da desordem. Rio de Janeiro: Notrya; SUDENE: Universidade Federal do Ceará, 1993.

PALMEIRA, M. Desmobilização e conflito: as relações entre os trabalhadores e patrões na agricultura canavieira de Pernambuco – 1964-1974. **Revista de Cultura e Política**, n. 1 – CEDEC, São Paulo, 1979.

SEGUNDO, J. J. de M. N.; BODINAUX, P.; FILHO, R. A. (Orgs.). **A favela do Conjunto Palmeiras**. Habitando o inabitável – memórias de nossas lutas. v. 1. Fortaleza: GRET, 1989.

SHERER-WARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. (Trad. Waltensir Dutra). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

#### Notas

<sup>1</sup> Publicação baseada na dissertação de mestrado – *Nas Trilhas da experiência: a memória, a crise e o saber do movimento popular de Fortaleza*. Programa de Pós-graduação em Educação – UFC. Fortaleza, 1995.

<sup>2</sup> Sobre o Banco Palmas disponível em <http://www.bancopalmas.org.br/oktiva.net/1235/nota/12291>. O Banco Palmas é fruto da socioeconomia solidária no Conjunto Palmeiras, bairro situado na periferia de Fortaleza.

<sup>3</sup> Há diversas associações de moradores no Palmeiras atualmente, mas existe a grande entidade que congrega o movimento popular, que é a Asmoconp.

<sup>4</sup> Em Fortaleza foram oferecidos cursos de formação de lideranças, desde 1992, pelo Centro de Capacitação para Lideranças (CCL), organizado pelo prof. Sandoval Sena, e ligado, no período, à Fundação de Assistência Social.

**Kelma Socorro Lopes de Matos**

**Correspondência**

**Kelma Socorro Lopes de Matos** – Universidade Federal do Ceará, Rua Waldery Uchoa, 01  
Benfica, CEP: 60020-110 – Fortaleza, Ceará, Brasil.

*E-mail:* kelmatos@uol.com.br

Recebido em 23 de fevereiro de 2012

Aprovado em 25 de junho de 2012